

CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
INTERNACIONAL
1990

Orquestra Filarmônica de Moscou

16/04 (Série Branca) - 18/04 (Série Azul)

Anne Sophie Mutter

14/05 (Série Branca) - 15/05 (Série Azul)

Orquestra de Câmara Ferenc Liszt

11/06 (Série Branca) - 12/06 (Série Azul)

Alicia de Larrocha

06/08 (Série Branca) - 08/08 (Série Azul)

Orquestra de Câmara de Viena

20/08 (Série Branca) - 21/08 (Série Azul)

Tokyo String Quartet

30/08 (Série Branca) - 31/08 (Série Azul)

Orquestra Nacional do Capitole de Toulouse

24/09 (Série Branca) - 25/09 (Série Azul)

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

Air France
Associação Alumni
Association Française d'Action Artistique
Banco Nacional S.A.
Banco Safra S.A.
Banco Sogeral S.A.
CCE — Audio/Vídeo/Informática
Fundação Japão
Metal Leve
Rádio Eldorado
S.A. Indústrias Votorantim
Security Pacific National Bank
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
Solvay — Ind. Químicas Eletro Cloro S.A.
The British Council
Unibanco
USIS
VITAE

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em veicular o nome de sua empresa em toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303 São Paulo SP
Fone 256.0223
Bilheteria 258.3616

Reconhecida de Utilidade Pública por decreto Federal, Estadual e Municipal

CULTURA ARTÍSTICA

CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
INTERNACIONAL
1990

Orquestra de Camara de Viena
Regente e solista: PHILIPPE ENTREMONT

INTEGRANTES

Violinos

Ola Rudner
Christian Eisenberger
Steven Mohler
Irene Kargl
María Lindsay
Clemens Chmel
Barna Kobori
Aleksander Eisenberg
Erich Haderer
Regina Florey
E.E. Engin Yafet
Hildegard Stiebing

Violas

Ilse Maria Wincor
Martin Kraushofer
John Moffat
Farahid Girakhou

Violoncelos

Howard Penny
Till-Georg Schüssler
Ursula Hielscher

Contrabaixo

James Martin Rapport

Orquestra de Câmara de Viena

Desde sua fundação em 1946, a Orquestra de Câmara de Viena tem se especializado nas obras orquestrais dos clássicos.

Mozart e Hayn são os dois compositores prediletos da orquestra.

Desde sua estréia, o grupo foi dirigido sucessivamente por Franz Litschauer, Heinrich Hollreiser, Paul Angerer que expandiu o repertório da orquestra e Carlo Zecchi que a levou em tournée pelo mundo todo. Desde 1976, a direção musical do conjunto está a cargo de Philippe Entremont.

A discografia da Orquestra de Câmara de Viena é das mais importantes, incluindo as sinfonias de Mozart, todos os concertos para piano de Haydn, os concertos para flauta (com Wolfgang Schultz) e áreas de Mozart com Kiri Te Kanawa e Teresa Berganza.

Atualmente, a orquestra desempenha um papel importante na vida musical vienense, quer seja através de sua série tradicional para assinantes, quer seja através de uma nova série de concertos destinada a promover jovens talentos.



Philippe Entremont

regente e pianista

Nomeado Regente Vitalício da Orquestra de Câmara de Viena em 1976, Philippe Entremont é também regente titular da Sinfônica de Denver desde 1983 e diretor musical da Orquestra Colonne de Paris desde 1986. Nascido na França em 1934, ele ingressou no Conservatório de Paris aos 12 anos onde estudou sob a orientação de Jean Doyen. No mesmo ano, ganhou o Primeiro Prêmio do Concurso de Piano Harriet Cohen. Aos 16 anos, debutou profissionalmente em Barcelona e em 1953 foi o primeiro pianista a ganhar o Concurso Marguerite Long-Jacques Thibaud.

Philippe Entremont tinha apenas 19 anos ao estreiar com grande sucesso nos Estados Unidos. Desde lá, vem se apresentando em tournées pelo mundo todo em recitais ou como regente convidado de importantes orquestras internacionais.

CULTURA
ARTÍSTICA
TEMPORADA
INTERNACIONAL
1990

2.ª feira, 20 de agosto às 21 horas 1212

J. Haydn (1732-1809)

Concerto para violino em Do maior, Hob. VII a/1

Allegro moderato
Adagio
Presto

Solista: Ola Rudner

J. Haydn (1732-1809)

Concerto para piano em Sol maior, Hob. XVIII/4

Allegro moderato
Adagio
Presto

Solista: Philippe Entremont

Intervalo

J. Brahms (1833-1897)

**Quinteto n.º 2 em Sol maior, Op. 111
(Versão para orquestra de câmara)**

Allegro non troppo, ma con brio
Adagio
Un poco Allegretto
Vivace, ma non troppo presto

3.ª feira, 21 de agosto às 21 horas 1213

O. Respighi (1879-1936)

Antiche Danze ed Arie — Suite n.º 3

Italiana
Arie di Corte
Siciliana
Passacaglia

W. A. Mozart (1756-1791)

**Concerto n.º 14 para piano e orquestra em Mi bemol maior,
K. 449**

Allegro vivace
Andantino
Allegro ma non troppo

Solista: Philippe Entremont

Intervalo

F. Mendelssohn (1809-1847)

Sinfonia n.º 9 em Dó menor

Allegro moderato
Poco Adagio
Scherzo
Allegro moderato

Não é permitido gravar ou
fotografar na sala de espetáculos

**Próximas apresentações: 30 e 31 de agosto
Tokyo String Quartet**

Franz-Joseph Haydn (1732-1809)

Não se entregando ao virtuosismo instrumental, nem por exercício nem por temperamento, Haydn dedicou ao gênero concerto uma atenção muito diferente da de Mozart. Como músico de corte que era, escreveu vários deles para os instrumentistas da orquestra da família Eszterhazy, para a qual trabalhou durante boa parte de sua vida. Alguns dos instrumentos solistas dessas obras: órgão, cravo (ou piano), violino, violoncelo, barítono, trompa e trompete, entre outros. Haydn revela nas partituras concertantes que chegaram aos nossos dias a sua extraordinária fluência de escritura que, a um só tempo, valoriza a especificidade instrumental e tira o máximo partido das formas postas em jogo.

O Concerto para violino em dó maior, Hob VII-1 é um dos quatro para esse instrumento que a musicologia, na atualidade, atribui com razoável segurança ao compositor. (Os outros cinco, sabe-se hoje, são de pena alheia). O Concerto em dó maior é o mais célebre deles e foi dedicado a Luigi Tomasini, primeiro violino da orquestra de Eszterhazy. Parece ter sido composto por volta de 1761 e guarda certos traços do estilo barroco, associados a uma clara influência italiana. O ritmo de marcha do primeiro movimento, a cantilena inspirada do segundo e a ensolarada alegria do **finale** perfazem um belo retrato do jovem Haydn.

O Concerto para cravo em sol maior Hob XVIII-4 parece ter sido composto em 1770. Sua publicação, entretanto, acontecerá apenas 14 anos mais tarde, em Paris, depois de ter sido ali executado pela pianista cega Maria Theresia Paradis. O recorte clássico do movimento inicial, o tom comovente do andamento lento e a nítida inspiração popular do **finale** mostram-se a uma primeira audição.

Johannes Brahms (1833-1897)

Avesso a qualquer forma de expressão mais ostensiva, Brahms encontrou no domínio da música de câmara o meio perfeito para concretizar alguns dos pontos nodais dos seus ideais artísticos. Personalidade fundamentalmente mais lírica do que dramática, soube como nenhum outro em seu tempo explorar esse espaço essencialmente intimista, deixando-nos várias obras-primas de aparência a um só tempo bela e reservada. Escreveu música para pequenos conjuntos instrumentais durante toda a sua vida; mas, contrariamente a Beethoven, não se percebe nessa faixa da sua produção as marcas de esforço de um contínuo progredir. É que só se contentando em entregar ao público as obras que considerava perfeitamente acabadas, legou-nos, desde o primeiro Trio, partituras de aparência madura.

Brahms escreveu o Quinteto para cordas n.º 2, em sol maior, Op. 111, em 1890, em um instante em que pensava abandonar por completo a composição, retirando-se do cenário musical. A obra, entretanto, não possui aura melancólica nem tem ar de adeus. Ao contrário, dá a impressão de ser uma forte afirmação de vida, proveniente de um artista que, beirando os 60 anos, ainda era capaz de escrever música como se fosse um jovem. A respiração sinfônica do primeiro movimento (um de seus temas era destinado a uma hipotética quinta sinfonia), as variações clássicas do tocante Adagio, a cor eslava do terceiro e a alegre atmosfera austro-húngara do **finale** são bem provas disso.

Ottorino Respighi (1879-1936)

Nascido em meio a uma família muito musical, Respighi pôde desenvolver bastante cedo seus dotes artísticos. Fez-se pianista e violinista de mérito, apresentando-se com frequência em público na juventude, antes de se dedicar com mais assiduidade à composição e à regência de suas próprias obras. Estudou composição na Itália com Torchi e Martucci, na Alemanha com Bruch e, durante duas temporadas que passou na Rússia, com Rimsky-Korsakov. Este marcaria profundamente suas idéias no tocante à orquestração. Respighi alcançou, ainda em vida, considerável fama internacional, graças inclusive à devoção dedicada às suas partituras por regentes como Arturo Toscanini. Homem muito culto, Respighi conservou, curiosamente, uma visão ingênua da vida, que se reflete na música que escreveu. Boa parte do que ele compôs exhibe, na superfície brilhantemente orquestrada, essa tendência de ver o mundo através da ótica encantada do universo infantil. Seus poemas sinfônicos mais festejados — de Pinheiros de Roma a Os Pássaros, Impressões Brasileiras e Tríptico Botticelliano — possuem forte apelo visual. A partir da década de 1920, Respighi incorporaria cada vez mais à sua estética o gosto pelos efeitos arcaizantes, como os encontrados no seu Concerto Gregoriano. É dentro dessa tendência que se inscrevem as três suítes de **Antiche arie e danze per liuto** (1917-31), orquestrações livres de velhas partituras destinadas originalmente ao alaúde. A terceira delas abre-se com uma "Italiana" de autor anônimo do século XVI, à qual se seguem: "Aria di corte" (atribuída a G.B. Besardo), "Siciliana" (anônimo do séc. XVI) e "Passacaglia" (de Lodovico Roncalli, do séc. XVII).

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

Os 27 concertos para piano e orquestra escritos por Mozart (incluindo nesse montante os que ele compôs para dois e três instrumentos solistas) perfazem um ciclo sem paralelos no panorama da História da Música. Nenhum outro compositor efetivamente grande deixou-nos um legado nesse gênero assim tão amplo e, tão rico e variado. Esses concertos acompanham a carreira de Mozart desde os seus tempos de menino-prodígio até os anos da sua infelizmente curta maturidade. Assim, dão-nos um retrato dos mais completos desse gênio que abordou essa forma com tanta inventividade que retirou-a da condição de eventual divertimento, emprestando a ela a significação dos arquétipos mais nobres da expressão musical. O Concerto para piano e orquestra n.º 14, em mi bemol maior, K. 449 encabeça uma lista iniciada em fevereiro de 1784 que, dois anos mais tarde, já contaria com mais onze exemplares. A orquestra requerida por ele é modesta e as partes de oboés e trompas foram consideradas **ad libitum** pelo autor. O **Allegro vivace** inicial vive de belas tensões tonais; no **Andantino** que vem em seguida, em si bemol e também repleto de modulações, o diálogo solista/orquestra dá-se com nitidez e simetria; o **Allegro ma non troppo** de encerramento, considerado um dos mais originais de Mozart, é uma espécie de movimento perpétuo que utiliza elementos da variação e do rondó, em um percurso onde não faltam nem mesmo certas referências ao universo barroco.

Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847)

Mendelsohn foi um artista de formação clássica, grande admirador de Mozart, Haydn e Beethoven, além de Bach, que esteve entre os primeiros a escrever obras com certas características românticas. Menino-prodígio, recebeu educação refinada, adquiriu cultura enciclopédica e comportamento aristocrático. Teve a serviço do seu talento a enorme fortuna do pai, um próspero banqueiro de Berlim. Um de seus principais professores foi Carl Zelter, o conselheiro musical de Goethe e aquele que seria um dos primeiros novecentistas a revalorizar a obra de J.S. Bach. Como exercício para esse professor, o jovem Mendelsohn escreveu, entre 1821 e 1823, treze sinfonias para cordas. Essas obras, que representam uma fase vital no desenvolvimento técnico do artista, foram ouvidas em sua própria casa, graças à orquestra que o pai, semanalmente, colocava à sua disposição. Depois caíram no esquecimento, só voltando ao repertório a partir de 1960.

A Sinfonia para cordas n.º 9, em dó maior, está datada de 12 de março de 1823. Como as outras da série ela revela, por um lado, a aquisição da técnica da escritura orquestral e, por outro, o entrecruzar de influências recebidas pelo jovem músico que, em um gesto de prematura maturidade, soube filtrá-las através da sua própria sensibilidade.

Notas:

J. Jota de Moraes

SO SUPERIOR YOU CAN TASTE IT.

SMIRNOFF

Bons amigos merecem Smirnoff.